Capítulo 50

Brasil: os primeiros tempos (1500-1530)

Pode-se afirmar que as navegações e, mais tarde, a colonização tinham objetivo fundamentalmente comercial.

1. O mercantilismo

A expansão comercial, a busca de riquezas, a descoberta de novas terras, todos esses fatores foram estruturando um novo conjunto de idéias e práticas econômicas, o *mercantilismo*. Trata-se da doutrina segundo a qual o comércio seria a atividade fundamental da economia, ao contrário do que ocorria até fins da Idade Média, quando o mais importante era a exploração da terra.

O mercantilismo, que uniu as Monarquias Nacionais e a burguesia em torno dos mesmos interesses, apresentou três características básicas:

Balança comercial favorável — Existiria, na medida em que a exportação fosse maior que a importação.

Protecionismo — Proibia-se a importação de mercadorias que concorressem com os produtos nacionais e impedia-se a exportação de matérias-primas que pudessem ajudar a indústria estrangeira.

Monopólio — Concedido pelo rei, mediante pagamento, a certas companhias privilegiadas. Era válido para o comércio de alguns produtos, em determinadas regiões e por tempo limitado.

Entre explorar comércio certo e garantido com o Oriente ou lançar-se a aventura incerta, cara e sem garantias em terras desconhecidas, Portugal deu preferência à primeira opção. Isso explica por que os portugueses pouco se interessaram pelo Brasil nas três primeiras décadas após o Descobrimento.

Além do mais, havia poucas pessoas dispostas a vir para cá. Portugal limitou-se a enviar expedições que exploraram o litoral, deram nome a alguns acidentes geográficos e carregaram *pau-brasil*.

2. Índios e brancos: as diferenças

Os índios não entendiam como o branco podia vir de tão longe para buscar pau-brasil. O francês Jean de Léry, que aqui esteve no século XVI, deixou registrado diálogo com um velho tupinambá, que queria saber se os brancos não tinham árvores em sua terra. Ao saber que aquela servia para tingimento e que um só homem comprava todo o pau-brasil que carregava um navio, o tupinambá perguntou:

"Mas esse homem rico de que me falas não morre?"

Ao saber que o branco também morria e deixava tudo para os filhos, o velho se espantou. De seu ponto de vista, era loucura enfrentar o oceano, amontoar riquezas e deixar para outros:

"Estamos certos de que, depois de nossa morte, a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados".

O índio trabalha para viver, enquanto o branco vive para trabalhar, era o que o tupinambá queria dizer, embora usasse outras palavras. As diferenças com os brancos estavam em tudo, na maneira de se vestir, de encarar o trabalho, de pensar e de ver o mundo. Os índios não entendiam como é que as coisas usadas pelos brancos não haviam sido feitas por eles mesmos. Pois entre os indígenas, o que um homem sabe fazer, todos os outros também sabem; o que uma mulher sabe fazer, todas as outras sabem; e, geralmente, cada um faz as coisas que usa.

3. A exploração do pau-brasil

O único produto de algum valor comercial que se sabia existir no Brasil, embora inferior às mercadorias orientais, era o vegetal do qual se extraía uma tinta muito usada em tinturaria: o pau-brasil. O de melhor qualidade estava em terras do atual Pernambuco.

Os índios o chamavam de *ibirapitanga* e *arabutã*. Nome científico, *Caesalpinia echinata*. A árvore chega a 10 ou 15 metros de altura, com tronco de 1 metro de diâmetro na base. Os portugueses foram os primeiros a explorá-lo. Os espa-

nhóis, depois de algumas viagens, se afastaram, em respeito ao Tratado de Tordesilhas. Os franceses, sem compromisso com o tratado e não podendo comerciar diretamente com o Oriente, lançaram-se ao contrabando.

A exploração dava-se de forma rudimentar, trazendo grande destruição das matas. Os traficantes geralmente contavam com ajuda dos índios. Eles cortavam a madeira e a levavam até os navios, em troca de peças de tecido, roupas, contas coloridas, canivetes, facas; raramente, serras e machados.

Tal tipo de exploração não deu origem a estabelecimentos ou povoados. Franceses e portugueses apenas construíram algumas *feitorias*, em trechos do litoral onde a madeira era mais abundante. Tratava-se de construções fortificadas, para a defesa contra concorrentes e o depósito de mercadorias.

A concorrência entre portugueses e franceses empre levava à luta armada. D. João III, rei de ortugal, vendo que suas reclamações à França não produziam resultado, mandou uma expedição punitiva comandada por Cristóvão Jacques, em 1526. Jacques afundou navios, prendeu e matou os sobreviventes. Mas os franceses continuaram agindo.

Como toda atividade ultramarina, a exploração do pau-brasil era *monopólio* do rei. Só poderia dedicar-se a ela quem tivesse uma concessão da Coroa, que cobrava por isso. Até 1504, o concessionário exclusivo foi Fernando de Noronha, associado a comerciantes judeus. Depois, a exploração passou para vários traficantes. O Brasil continuou exportando pau-brasil até início do século XIX, mas o negócio deixou de ser bom a partir de 1530, quando as matas do litoral já estavam esgotadas.

A forma predatória de exploração, com interesse imediatista e sem preocupação com o futuro, seria depois empregada em relação a todos os recursos brasileiros — minerais, vegetais e animais. Grandes áreas se tornariam improdutivas, como o Nordeste e outras regiões do País, e muitas espécies animais seriam extintas. O Brasil foi descoberto em 1500 e só na década de 1930 foi criado um Código Florestal.

Um exemplo típico do exagero da destruição é o próprio Estado de São Paulo. Em 1860, ainda restavam 81% da mata natural; 120 anos depois, a proporção caiu a 6%. Pelo período em que se deu a devastação, percebe-se que os grandes responsáveis foram o café e a cana-de-açúcar. Isto é, continuou-se devastando para cultivar não os produtos básicos para a população, mas sim aqueles destinados à exportação.

Questões propostas

1. Quais as principais características do mercantilismo?

2. Por que Portugal não iniciou logo a colonização do Brasil?

3. Como era explorado o pau-brasil e qual a diferença entre espanhóis e franceses em relação ao negócio?

4. Para que serviam as feitorias?

5. A exploração do pau-brasil constituía monopólio do rei: o que significa isto?

6. Qual a diferença entre brancos e índios em relação ao trabalho?

7. Tomando São Paulo como exemplo, mostre as conseqüências da exploração predatória empreendida pelos colonizadores.